

dever de vir para a revolução em defesa da liberdade e o Director do Partido Republicano Português tem o dever de secundar o movimento em favor da Constituição.

Clemente Vieira dos Santos

Scenas do D. Quixote

Os sindicalistas de Lisboa estão seriamente indignados com o que parece ser desde já uma provocação da parte de certos elementos de 14 de Maio.

Já no acesso da luta um outro jornal noticiou a prisão dum «conhecido sindicalista» pouco conhecido e nada sindicalista, que andava a bater-se pelo governo de Pimenta de Castro! Nem faltou quem fantasiasse os sindicalistas a vomitar balas e bombas, sob o comando do «herói da Rotunda», que alguns pobres patetas supõem ser nada menos do que o chefe dos sindicalistas!

O mais engraçado foi um valente revoltoso, vencedor de cem combates, gabar-se de, entre inúmeras proezas, ter desbaratado os sindicalistas no Campo de Santa Clara!... Belo: «a batalha de Santa Clara!» Aviso aos fabricantes de oleografias e aos desenhadores de jornais ilustrados.

O outro também tomava moínhos de vento por desconjuntais gigantes e rebanhos de carneiros por exércitos numerosos e agueridos. E durante os recentes acontecimentos, foram copiosamente fuzilados melancólicos e desabitados edifícios, que apenas opunham ao heróico assalto a leve fumaça branca da calça esburacada, póeira essa que se tornava a clara confirmação do nutrido tiroio dos sitiados...

Os nossos amigos de Lisboa escusam de se arrelhiar: a coisa tem o seu lado cómico...

Verdade é que o que mais os revoltou foi a busca passada na sede da Juventude Sindicalista, aliás «sem resultado». Não tendo havido motivo algum para tal, a coisa parece uma provocação. Parece haver o empenho de meter a força na contenda os nossos camaradas, que, ante a rixa sangrenta provocada pelos aventureiros políticos e travada entre os pequenos, se conservaram espectadores neutros, embora não indiferentes nem insensíveis. Mas os políticos, tam fáceis em acusar os operários de perturbadores da ordem e inimigos das instituições, terão de procurar outro pretexto, se quiserem atacar as organizações operárias.

Portanto, vejamos só o lado cómico—que tristezas e misérias já as temos em demasia.

Confissões e Depoimentos

Do grande jornal inglês o Times, de 8 de Março último:

Ha ainda, ao que parece, ingleses e inglesas que erram grandemente a respeito das razões que forçaram a Inglaterra a desembainhar a espada. Sabem que foi a violação flagrante da neutralidade belga pela Alemanha que encheu a taça da sua indignação e determinou o movimento popular em favor da guerra.

Não refletem que teriam bastado o nosso interesse e a nossa honra para nos obrigar a pormo-nos ao lado da França e da Rússia, ainda que a Alemanha tivesse escrupulosamente respeitado os direitos dos seus fracos vizinhos e procurando abrir caminho através das fortalezas do Leste... A invasão da Bélgica e mais ainda o abominável sistema de crime que a seguiu cometeram-nos, na verdade, profundamente. Como a Alemanha, comprometêramo-nos a garantir a neutralidade belga. Ao contrário da Alemanha, sentimo-nos ligados, na honra, pela palavra que demos. Mas sabemos muito bem que, cumprindo-a, e puro interesse egoísta caminhava de mãos dadas com a honra, a justiça e a piedade. Porque garantimos nós a neutralidade da Bélgica? Por uma razão imperiosa de interesse egoísta, pela razão que sempre nos levou a opormo-nos ao estabelecimento duma grande potência, seja ela qual for, em face da nossa costa oriental, pela razão que nos fez defender os Países Baixos contra a Espanha e contra a França dos Bourbonns e de Napoleão.

Cumprimos a nossa palavra quando a demos mas não a damos sem sólidas razões práticas e não nos apresentamos como D. Quixotes internacionais, constantemente prontos a endieitar tortos que não nos fazem mal algum.

Chamam-se legisladores os homens que fazem regras para os outros e excepções para si mesmos. A. GUYARD.

Notas de perto

VII Meu caro C.

Entre as firmas que ganham honradamente a vida roubando e armando os povos de todas as pátrias para depois gosarem de longe, em paz e a bom recato, o efeito do seu trabalho, figura, como deves saber, a Vickers C.

Em fins de Março de 1911 estive em Barrow-in-Furness, visitei os seus estaleiros e oficinas e ofereceram-me lá um catalogo da casa, com 110 pags. de prosa, de propaganda dos seus trabalhos, e quase outras tantas gravuras demonstrativas.

Pensei transcrever d'ele, apenas alguma coisa elucidativa do quanto este benemerito tem beneficiado a humanidade com os seus inventos e serviços que prestam e certo estou que não perderás nada (sem reclame á casa) se leres pelo menos o que elle diz em quase toda a Introdução do mesmo catalogo. E' um pouco longa, mas lê:

«O Primeiro Lord do Almirantado Inglês, numa recente ocasião historica, disse: «Se não tivesse apparecido Messrs. Vickers, o primeiro dever da Nação seria descobri-lo».

«Ha mais de cem annos, Vickers tem feito materiais adaptaveis á guerra e a fins pacificos, e adquiriu uma experiencia e organisou um pessoal não excedido no mundo».

«Incluindo apenas navios de guerra construidos dentro dos ultimos dez annos, a Vickers C. tem construido mais de cem navios, em todos os tipos, e colectivamente de cerca de 300.000 toneladas de deslocamento. Nêles estão incluidos couraçados, cruzadores couraçados, alguns de 28 nós, barcos torpedeiros, destroyers de mais de 30 nós e submarinos. Tem, ha dez annos, manufacturado máquinas para mais de 110 navios de guerra, attingido 550.000 cavalos-vapor, incluindo turbinas para os Lion, Princess Royal, Dreadnought, Vanguard e muitos outros navios. Tem armado, nos ultimos dez annos, blindagens de canhões para mais de cincuenta couraçados e cruzadores».

«A Vickers C. tem um capital de mais de oito milhões esterlinos. Tem gasto mais de cinco milhões esterlinos só no provimento de mecanica e ferramenta para a manufactura de material de guerra. Estão aptos a construir máquinas, couraçados, fornecer canhões e seu maquinismo, montar torpedos, equipar com todas as munições de guerra qualquer tipo de navio, sem recorrer a qualquer Companhia além daquelas pelas quais esta fór responsável. Empregam, em tempos normais, 25.000 operarios extremamente hábeis, e pagam anualmente de salarios 1.600.000 libras».

O Primeiro Lord do Almirantado Inglês, referindo-se a estas productividades, disse: «Retiro-me á existencia de uma firma como a de Messrs. Vickers como a uma propriedade nacional. Nós (o Almirantado Inglês) compramos á Vickers C., mas sentimos que quando elles nos entregam os armamentos estão prestando um serviço Nacional, e estão dando o melhor que a Inglaterra tem para dar como material para o serviço da nossa Armada Nacional. Nós (o Almirantado) estamos na posição de compradores e Messrs. Vickers na de vendedores, mas sinto-me feliz em dizer que as relações entre nós e a Vickers C. são muito mais cordéis do que as ordinarias relações de comercio».

«Testemunho similar poderia ser citado para mostrar que quasi todos os Governos do mundo tem a mesma confiança na Vickers C.» (é nosso o normando). O Representante do Governo Russo, quando o cruzador-couraçado «Rurik» deixou as aguas Británicas, desfaldando a bandeira Imperial Russa, telegrafou á Vickers C.: «Espero que vos orgulheis sempre do nobre navio que construisteis com tal pericia e boa vontade para satisfazer os nossos desejos».

«Quanto ao trabalho para a marinha mercante...» passemos adiante: não censuramos nem ci-

temos o que não temos em vista.

«Como Oficinas da Companhia comprehendem-se as seguintes:

«River Don Works, Sheffield, para a manufactura de chapas couraçadas, canhões, blindagens, etc».

«Naval Construction Works, Barrow-in-Furness, para a construção de todos os tipos de navios de guerra e mercantes, com todo o seu maquinismo, canhões, blindagens, applicações hydraulicas, balas e granadas».

«Ordnance Works em Eritth, para a manufactura de canhões de tiro-rápido, Maxim e canhões revolvers, com blindagens, carretas e munições».

«Birmingham Works, para a construção de automoveis Wolseley-Siddeley, e motores para aeroplanos, dirigiveis e barcos».

«Birmingham Works, para a manufactura de accessorios electricos e de material de guerra».

«Crayford Works, para o fabrico de cartuchos, fusos e munições».

«Dartford Works, para o fabrico de pólvora e munições».

«Heavy Gun Range em Eskmeals, Cumberland, para experiencia de todos os tipos de canhões e blindagens, couraçados, balas, etc».

Campos para experiencia de canhões automaticos e de tiro rápido, em Eynsford e Swanley».

«Placencia de las Armas C., Espanha, para a manufactura de armamento».

A Vickers C., em adição, tem largos interesses em outras empresas ligadas á construção naval. Comprehendem-se, entre outras, as seguintes bem conhecidas firmas:

«Na William Beardmore, C. Ltd., com officinas de couraçados em Glasgow e estaleiros navais em Dalmuir, no Clyde».

«Na Vickers-Terni C., com grandes officinas de armamento e construção em Spezia, na Italia».

«Na Sociedad Española de Construccion Naval, que se encarregou da reconstrução do Real Arsenal do Ferrol e Cartagena, e ali da construção de uma nova armada espanhola».

«Na Whitehead Torpedo C., com officinas em Fiume, Austria (que te citei na Nota anterior) e em Weymouth, Inglaterra, para a construção de torpedos automoveis; e»

«Na Chilworth Powder C., para a manufactura de todos os tipos de explosivos».

Creio que esta transcrição te demonstra rasoavelmente quem desejava a guerra, que nem só o militarismo alemão é ameaça que pesa permanentemente sobre os povos escravizados e que se a um é necessario combater ao outro é preciso não deixar de pé.

Sabes como as pequenas e grandes republicas americanas andam consecutivamente em rixa e como só ás armas recorrem para resolver os pleitos que os respectivos governos lhes arranjam.

Não falando em outras a Argentina já por vezes se tem querido atirar ao Brazil e tambem ao Chile, e inversamente. Queres vêr o que o Catalogo da casa Vickers a este respeito nos diz? Abro a pag. 8 e transcrevo:

«A Vickers C. tem fornecido material de guerra para todas as Republicas Sul Americanas. Projectaram e construíram o couraçado «Libertad» para a Armada Chilena; o successo do projecto recomendou-se tanto por si que o Almirantado Inglês comprou o navio depois de pronto, passando a chamar-se «Triumph».

«Para a Armada da Republica do Perú a Vickers C. projectou e construiu dois cruzadores de 24 nós, o «Almirante Grau» e o «Cónel Bolognesi»; para o Governo Mexicano, o cruzador «General Guerrero»; e para a Armada Argentina projectaram e construíram o maquinismo para dois cruzadores ligeiros».

«Para a Nova Armada Brasileira a Vickers C. construiu, com as respectivas máquinas, o couraçado «São Paulo» e forneceu o maquinismo para dois navios iguaes e para dois cruzadores. O «São Paulo», etc... segue-se uma pequena descrição que não interessa ao caso.

Agora, para complemento, vê o

que num jornal do fim do mês passado eu encontro:

«Vickers Ltd.—Os directores decidiram colocar 250.000 libras na reserva geral e recomendar um dividendo final de um shilling e meio por acção (340 reis ao par, hoje 540 rs. aproximadamente) livre de impostos, nas acções ordinarias, fazendo 12.5 por cento e por ano. O total a juntar ao activo é de 228.876 libras».

Desculpa, meu caro, se eu fu-tão chato pelo longo destas transcrições; mas é o desejo ardente que eu tenho de documentadamente mostrar que os militarismos se igualam e que nem só devem ser amaldiçoados os terriveis hunos. Os negociantes de guerras (Warmongers) dos países aliados, os capitalistas que de todas as misérias e de todos os crimes tiram proventos, não foram menos culpados do que os outros! Maldição para todos.

Para lastimar são apenas os ceguinhos que não querem vêr e que são os salarizados de todos os países.

Londres, 25-5-1915

Teu H. QUESARIO

DOCUMENTOS

Manifesto da federação metalúrgica de França, pelo primeiro de Maio

Este 1.º de Maio de 1915 verá o fim do nono mês duma guerra atroz, sem precedente na historia.

No 1.º de maio, haverá nove meses que, segundo as houbes, verídicas e corajosas palavras pronunciadas por Karl Liebknecht em 2 de Dezembro de 1914:

O lema alemão: «contra o tsarismo» exactamente como o lema inglês e francês «contra o militarismo» serviu de meio para pôr em movimento os mais nobres instintos, as tradições e as esperanças revolucionárias do povo em proveito do odio entre os povos.

E tornar possível, inevitável, ajuntaremos nós, o irromper da guerra pelo desencadeamento das paixões e da cegueira geral.

Nove meses, durante os quais todo o que o génio humano descobriu foi pôsto ao serviço do assassinato e da matança por junto dos trabalhadores, que costumavam no Primeiro de Maio unir-se fraternalmente, num pensamento comum, através das fronteiras!

Nove meses! durante os quais toda a imprensa de todos os países tem inventado todas as espécies de calúnias e de mentiras. Durante os quais, esquecida nobreza do seu papel, se tem encarniçado, sem comedimento nem repouso, em enganar os trabalhadores, em cultivar os odios fratricidas entre os povos. Durante os quais tem apellado para as paixões mais baixas, para os instintos mais vis, para os sentimentos mais miseráveis, para as represálias mais ferozes, que nós qualificamos: Crime contra a dignidade, o pensamento, a humanidade, contra a Internacional operária inteira, que se pretende aniquilar e que nós temos defendido e continuaremos a defender contra todos.

Nova meses, enfim, durante os quais o odio tem triunfado da justiça e da verdade. Durante os quais a lógica, o simples bom senso e a razão tem sido suplantados pela mentira desonrosa e infamante.

Basta e não quisemos deixar passar este 1.º de Maio sem fazer ouvir a nossa voz. Neste 1.º de Maio, temos empenho em repetir a todos os nossos militantes, aos nossos adherentes, ás nossas organizações, aos nossos camaradas da Alemanha e da Inglaterra, da Austria-Hungria e da Bélgica, de todas as nações unidas pela Internacional, o que dizíamos, o que declaramos desde o primeiro dia do conflito: Esta guerra não é a nossa guerra! Esta guerra é o resultado duma politica de colonialismo e imperialismo agressivos em que todos os governos tem o seu quinhão de responsabilidade, como a própria Conferencia de Londres, de 14 de Fevereiro de 1915, foi obrigada a reconhecer.

Tal era o nosso pensamento, o que dizíamos no dia da declaração de guerra, o que não cessámos de proclamar no seio da Comissão Confederada. E, ser-nos há permi-

tida recordá-lo: no mesmo dia em que, na Comissão Confederada, foi apresentada a questão da colaboração na Comissão Nacional de Socorros, uma só voz, a dos nossos delegados, se ergueu ali para dizer em substancia:

Deveríamos limitar a nossa colaboração tendo em conta os nossos principios. A nossa colaboração na Comissão Nacional de Socorros é um passo num mau caminho. Seria talvez imprudente não o dar, mas dêmo-lo prometendo a nós mesmos que, para o futuro, só nos deveremos comprometer tendo em conta o papel e os principios da C. G. T.

E falando assim, os nossos delegados entendiam, em nome nosso, que era aquele o extremo limite do concurso, da colaboração moral que devíamos dar a governantes que, antes da guerra, nunca tinham cessado de perseguir, de opprimir a classe operária. Entendíamos que o papel da C. G. T., dos seus militantes, era, antes de mais nada, preocupar-se com as organizações sindicais para ver o que era possível salvar da tormenta.

Entendíamos que devíamos conservar toda a nossa liberdade, a nossa independência em face dos governantes. Que, associandonos á sua acção própria pela guerra, seguindo-os cegamente, perdíamos o direito, a razão, a força moral de o censurar aos que, em seu país, não hesitaram em se pôr ao lado dos governantes e de nos apresentar, depois da guerra, com inteira independência, perante a Internacional operária. Que, enfim, colaborando muito estreitamente com os nossos governantes, perdíamos o direito de apelar para a razão, pela paz, antes da hora por eles escolhida.

Eis porque, por essas únicas razões, sempre que foi necessario, a nossa voz se elevou veementemente, no seio da Comissão Confederada, contra aqueles nossos amigos que, desprezando os principios sindicalistas e internacionalistas, pretendiam pôr ao serviço dos governantes a autoridade moral da C. G. T. para accentuar a obra de carnificina e de rufina provocada pela guerra.

Quando nos diziam que só o militarismo prussiano é que era o causador da guerra, respondíamos que havia um militarismo imperialista europeu e mundial, producto da vontade de todos os governantes, com igual responsabilidade na guerra.

Quando, para arrastar os nossos camaradas até ao fim,—e que fim?—pretendiam que a guerra daria em resultado o desaparecimento do militarismo, nós respondíamos que isso era ludibriar a classe operária, pois o militarismo havia fatalmente de sobreviver á guerra.

Quando, mais ou menos abertamente, se quisava dizer que a guerra era uma guerra de raças: latinos contra tentões, dizíamos que era criminoso propagar semelhante estupidez.

Quando se falava do esquiteamento territorial da Alemanha, respondíamos que isso era uma loucura criminosa e irrealizável, que podia quando muito excitar os sentimentos nacionais dos trabalhadores alemães e compeli-los a uma resistência desesperada essem saída.

Quando, cegos do mesmo imperialismo que censuravam aos alemães, alguns reclamavam que em França se aproveitasse a guerra para conquistar os mercados exteriores da Alemanha, nós apontámos o absurdo de tais pretensões no momento em que, de facto, uma nação inteira tem os seus elementos activos na guerra ou a serviço dela. E eram também um dos meios de exasperar os trabalhadores alemães e prolongar o conflito, assim como de preparar, dentro de breve prazo, uma nova guerra. A esta loucura imperialista opunhamos nós o accordo, pela livre concorrência, das nações em todos os mercados do mundo, accordo ao qual cada uma delas levaria o seu génio particular, a sua actividade comercial pessoal ou colectiva, baseada no seu poder criador de bem-estar e liberdade: as forças de trabalho pela paz.

Quando clamavam que esta guerra era de libertação, mostrávamos-lhes, no exterior, a sega e implacavel potencia de reacção da Rússia tam inexorável como aq-